

FREDERICO MORAIS 1967

Entre a crise e a construção, Ivan Serpa optou por esta última. Ao invés da eternização do caos, no lugar de revelar, sempre, a dor do homem em suas desesperanças, preferiu refletí-lo nas suas melhores possibilidades e perspectivas otimistas. Artista construtivo, Ivan Serpa sempre acreditou - como Gabo, Albers, Max Bill e outros - que a arte é uma espécie de **coordenação do mundo**, criação de novas realidades. Num país e/ou continente onde tudo está por fazer, por construir, por concretar, a arte realista não é apenas aquela que narra, figurativamente, as realidades prosaicas do dia-a-dia, tão pouco o agudo existir do homem e da sociedade que o contorna. Para definir-se como um realista - e ele o é - bastaria repetir o apelo de Cézanne: "quero realizar". O real está na base tanto do verbo quanto do adjetivo. Assim, mais do que cópia servil, mais ainda que a transformação do real, a arte é, para Serpa, verdadeiramente, construção da realidade. E foi isto que me dizia, recentemente, num domingo doméstico de seu *atelier*, no Méier: "como artista construtivo, me considero realista, melhor, minha arte acha-se intimamente ligada à realidade brasileira, que eu também estou criando".

A segunda constante no mundo de Serpa, já decorrente da primeira, era a variedade ou a mutabilidade de seu programa e de sua produção, desde os elementos francamente figurativos até a mais absoluta não-figuração, sem que lhe incomodasse o aparentar incoerência de uma fase à fase seguinte, sem que se sentisse inábil para estabelecer com linguagens opostas sua própria indisfarcável linguagem, ao longo de uma lógica interior específica. O fato é que - e isto já conduz à terceira constante - Serpa se interessava sobretudo pela possibilidade de experimentar, de atualizar sua artesanaria independente das limitações dos modelos por ele próprio antes praticados sob paixão. Ele não se contradizia na contradição, mas nela se ampliava e se aperfeiçoava.

Há que destacar, como complemento e envolvimento das três constantes citadas o elo entre a obra de Serpa e a sua também prolongada tarefa de professor - inclusive de arte infantil, por duas décadas quase contínuas no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Entregue por completo a esta tarefa de liberação da criatividade disciplinadamente nos outros, crianças ou adultos, ele conseguia tecer a rara dialética de influir e se deixar influenciar por muitos de seus melhores alunos, vários dos quais formam hoje um setor importante do trabalho nas nossas primeiras gerações pós-modernas.